

Costa
Ferreira
TRAPO
DE LUXO

Sociedade Portuguesa de Autores
Publicações Dom Quixote

COSTA FERREIRA

ULFL0400025



TRAPO DE LUXO

Peça em 1 prólogo, 3 actos,
1 entreacto e 4 quadros

PERSONAGENS

HEMÍPTER DE GRAMMONT, 45 anos	AMÉLIA REY COLAÇO
CONTINHA DE S. BILAZ, 60 anos	PALMIRA BASTOS
MARIA LEONOR, 22 anos	MARIANA REY MONTEIRO
HEVOLITA, 35 anos	LUZ VELOSO
D. MARGARIDA, 50 anos	GRACE DE CASTRO
AMÉLIA, 31 anos	PAULINA GUIMARÃES
ALICE, 28 anos	HELENA FELIX
A MENINA NERVOSA, 18 anos	CINA SANTOS
A TIA DA MENINA	MAURA FERNANDES
A SENHORA DA TRAIÇÃO	MARIA CRISTEIRAS
A SENHORA DO INÍMICO	MARCELO JONAS
A SENHORA TIMIDA	RENKHE LOPES

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES /PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

LISBOA

1994

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

Ferreira, Costa, 1918 –

Trapo de Luxo

(Autores de Língua Portuguesa)

ISBN 972-20-1149-9

CDU 869.0-2 “19”



Publicações Dom Quixote, Lda.

Rua Luciano Cordeiro, 116- 2º

1098 Lisboa Codex – Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© Costa Ferreira, Sociedade Portuguesa de Autores, 1994

1ª edição: Fevereiro de 1994

Depósito legal nº: 74835/94

Fotocomposição: Espaço 2 Gráfico

Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

ISBN: 972-20-1149-9

Esta peça estreou-se no Teatro Nacional de D. Maria II em 21 de Maio de 1952, numa encenação de Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro, sendo a seguinte a distribuição das

PERSONAGENS

HORTENSE DE GRAMMONT, 45 anos.....	AMÉLIA REY COLAÇO
CONDESSA DE S. BRAZ, 60 anos	PALMIRA BASTOS
MARIA LEONOR, 22 anos	MARIANA REY MONTEIRO
HIPÓLITA, 55 anos	LUZ VELOSO
D. MARGARIDA, 50 anos	GRÈCE DE CASTRO
MANUELA, 21 anos	IDALINA GUIMARÃES
LUIZA, 23 anos	HELENA FELIX
A MENINA NERVOSA, 19 anos	GINA SANTOS
A TIA DA MENINA, 50 anos	LAURA FERNANDES
A SENHORA DISTRAÍDA, 40 anos	MARIA CORTE-REAL
A SENHORA ECONÓMICA, 45 anos	MERCEDEZ GONZALEZ
A SENHORA TÍMIDA, 30 anos.....	MENICHE LOPES
PEDRO, 25 anos	PAIVA RAPOSO
D. JOÃO, 50 anos	RAUL DE CARVALHO
D. GONÇALO, 55 anos	COSTA FERREIRA
MARCEL, 30 anos	ÁLVARO BENAMOR

TOM, 29 anos AUGUSTO FIGUEIREDO
 PEDROSO, 60 anos ANTÓNIO PALMA
 NECAS, 23 anos GABRIEL PAIS
 O SR. GONÇALVES, 50 anos MANUEL CORREIA
 O SR. OLIVEIRA, 45 anos PEDRO LEMOS
 VISCONDE, 50 anos HENRIQUE SANTOS
 DR. MANUEL DE ANDRADE, 40 anos FERNANDO SOARES
 GONZAGA, 45 anos JOSÉ CARDOSO

Acção — Lisboa 1952

N.B.: Na representação, as réplicas atribuídas à personagem GICO foram repartidas pelas personagens TOM e NECAS.

A representação ou reprodução desta peça, no todo ou em parte, por qualquer meio, dependem da autorização que deve ser solicitada à Sociedade Portuguesa de Autores, sob pena de procedimento judicial.

PRÓLOGO

No escuro, ouve-se uma voz.

VOZ — Cuidado, não façam barulho... O Mistério vai começar! Neste momento há almas que encarnam, sonhos que tomam forma, saudades que ensaiam sons, esperanças que levantam peitos e há um pequenino mundo que se agita. (*Ouve-se uma valsa de Strauss e no escuro desenha-se fortemente iluminada a figura da Condessa, com um deslumbrante vestido de noite 1900, sorrindo extática*) Começa um século representado na figura magnífica de uma mulher sem idade. Parada no tempo, é feliz como um lago. Recebeu o mundo e aceitou-o como ele era, supondo no entanto que ele era como lhe tinham dito. A beleza é a maior das seduições, a verdade a mais deliciosa das mentiras.

Sim e não, são só uma palavra — Talvez. E no talvez tudo pode caber. A esperança de um império de riqueza e poder; o ódio sanguinário de uma ambição ferida de morte. Mas enquanto a esperança se veste de galas, brilha como uma jóia, ondula como uma renda de mulher, o ódio fica às escuras ignorado e só.

Forte como um clarim de guerra... (*a trompeta de uma*

orquestra de jazz corta a valsa) ... o ódio e a esperança dão-se as mãos. *(No escuro desenha-se a figura de Hortense com um vestido moderníssimo.)* Nervosa como uma faísca, inteligente como a luz vermelha que come todas as cores, outra mulher diferente feita do mesmo barro, animada pela mesma esperança, envelhecida pelo tal ódio que já grita como uma trombeta, surge, mergulha no lago verde, agita-o, fá-lo transbordar, ensaia o amor, a glória, a miséria, a fome, o triunfo e a derrota.

(Cessa a música.)

Duas épocas, dois mundos, duas mulheres que o espaço, o tempo, a vida, o bom senso e a história separam, arquivam em prateleiras diferentes da mesma Torre e que o Teatro brincalhão, insensato, irreverente, vai ligar gratuitamente por mero capricho, esquecendo os imperativos da ciência, a lógica das doutrinas, a verdade e a verosimilhança.

Capricho de criança eterna, brinquedo da gente crescida, milagre de santo sem cânones, o Teatro faz isto só porque um dia um autor neurasténico teve o apetite doentio de escrever uma peça.

(As duas figuras desaparecem no escuro e lentamente uma écharpe de tule vermelho vem cair no proscénio.)

Trapó de luxo, o mesmo véu, mais forte do que as correntes de Sansão, liga os séculos, liga o mundo, liga os homens, porque é obra de uma mulher.

CENÁRIO

Salão de um velho palácio lisboeta. À esquerda, três altas janelas com grandes portadas de madeira e pesados reposteiros de damasco amarelo que quando for necessário as fecham hermeticamente. Ao fundo larga porta que quando se abre, deixa ver o átrio, no qual se vê à esquerda o princípio da escada que

vem do rés-do-chão e ao fundo duas janelas geminadas das quais se adivinha uma paisagem luminosa de Lisboa vista de um ponto alto; no vão da janela velho baú de pregaria, nas paredes do átrio panóplas. À direita alta, largo arco que comunica com outro salão do qual se vê um velho piano de cauda e um retrato a óleo de senhora do Segundo Império. As paredes da sala da direita estão forradas de seda verde. Em cena lambrim baixo de azulejos do século dezoito, o resto das paredes está forrado de damasco amarelo. Na parede da direita baixa, enorme tremó. A meio bufete Luis XVI mas um pouco para a esquerda, ladeado por dois enormes fauteuills Regência. Abaixo do bufete um tamborete. Nas três paredes da esquerda e nas duas do fundo, grandes retratos a óleo colocados a partir da esquerda baixa para o fundo direito pela seguinte ordem: Dama estilo Pompadour, Primeiro Império, Segundo Império, um bispo, um Marechal de D. Maria II. Ausência total de bibelots, com excepção de um enorme prato brazonado que está no seu suporte no tremó da direita. O tamborete que está precisamente colocado no plano do meio da primeira janela da esquerda, está tombado.

Ao subir o pano, escuridão cortada apenas por um feixe de luz do sol que entra por uma fresta da janela da esquerda baixa e que vai iluminar o tamborete tombado; os reposteiros estão fechados hermeticamente, à excepção do da janela da esquerda baixa que tem um dos pânos caídos. O pano sobe lentamente. Quando o pano acaba de subir, ouve-se ao longe um relógio antigo bater pausadamente as quatro horas.

Quando o relógio se cala, ouve-se o barulho de uma chave que dá volta a uma fechadura; a porta do fundo abre-se lentamente de par em par rangendo nos gonzos. No limiar desenha-se a figura austera da velha criada Hipólita, toda vestida de preto que se destaca do fundo intensamente iluminado do vestíbulo; pelas janelas abertas vê-se o céu de um azul intenso e alguns telhados de casas.

Hipólita vai devagar à janela da esquerda alta, abre o reposteiro e as portas de madeira, depois atravessa lentamente

a cena e sai pela direita; instantes depois ilumina-se o salão da direita.

D. Gonçalo vai a atravessar o vestíbulo da direita para a esquerda, vê a porta aberta, pára e entra, encontra-se com Hipólita que vem da direita.

D. GONÇALO — O que é isto, Hipólita?

HIPÓLITA — A senhora Condessa recebe hoje uma visita na sala amarela, senhor D. Gonçalo. *(Abre as outras janelas começando pela do centro.)*

D. GONÇALO — Coitada da visita, deve ser uma vingança da minha irmã, não te parece, Hipólita?

HIPÓLITA — Não sei porquê, senhor D. Gonçalo, é a melhor sala da casa.

D. GONÇALO — Foi, foi... Há-de estar cheia de teias de aranha.

HIPÓLITA *(ofendida)* — Por quem é, senhor D. Gonçalo... Eu ainda sei cumprir o meu dever. Esta sala ainda a semana passada foi limpa. *(Deparando com o reposteiro caído da esquerda baixa.)* Oh!...

D. GONÇALO — És um anjo, Hipólita, mas nem tu podes lutar com o tempo.

HIPÓLITA — Foi com certeza um cordão que se partiu.

D. GONÇALO *(apanhando o pé solto do tamborete)* — Foi, foi... Partiu-se por simpatia para com este velho tamborete que se está a desfazer em pó.

HIPÓLITA (*chamando junto da escada do fundo*) — Gonzaga!... Gonzaga!

A VOZ DE GONZAGA — Senhora Hipólita?

HIPÓLITA — Venha cá acima e traga um escadote, martelo e pregos.

D. GONÇALO — Não pregues o pé do tamborete.

HIPÓLITA — Mas porquê, senhor D. Gonçalo?

D. GONÇALO (*mostrando-lho*) — Isto é uma renda, uma preciosa renda, leva-o antes para o meu atelier.

HIPÓLITA — Mas, senhor D. Gonçalo, o seu atelier já está tão cheio...

D. GONÇALO — É para compensar o resto da casa que já está tão vazio.

HIPÓLITA — Mas aqui só há duas cadeiras.

D. GONÇALO — Sabes quem é a visita?

HIPÓLITA — Uma senhora estrangeira, pelo que a senhora Condessa disse é uma pessoa habituada ao maior conforto.

D. GONÇALO — Uma estrangeira habituada ao maior conforto é com certeza uma americana. Deve realmente ser recebida na sala amarela e sentar-se num fauteuil da sala verde, será uma delicada homenagem ao Brasil.

HIPÓLITA — Acha então que...

D. GONÇALO — Acho, acho... Põe aqui uma cadeira da sala verde e eu levo comigo este velho tamborete.

HIPÓLITA — Como o senhor D. Gonçalo quiser... *(Ao fundo aparece MARIA LEONOR. Vem a fazer tricot com um novelo metido debaixo do braço.)*

MARIA LEONOR — Ah, Hipólita, os scones estão prontos, é só metê-los no forno.

HIPÓLITA — Obrigada, menina.

D. GONÇALO — Ó Maria Leonor, que reboliço é este?

MARIA LEONOR — A mãe espera a prima de Grammont.

D. GONÇALO — A prima de Grammont está em Lisboa?!

MARIA LEONOR — Parece que sim.

(Pelo fundo entra GONZAGA com o escadote.)

HIPÓLITA — Aqui, Gonzaga, é para prender este reposteiro.
(GONZAGA executa sob a vigilância de HIPÓLITA.)

D. GONÇALO *(a MARIA LEONOR)* — Mas não disseram que durante a guerra ela se tinha arruinado?

MARIA LEONOR — Deve ser boato. Está desde ontem no Aviz com um secretário e telefonou-nos a anunciar a sua visita para hoje.

D. GONÇALO — Ah, então vou vestir-me, quero vê-la.

MARIA LEONOR — O tio conheceu Madame de Grammont?

D. GONÇALO — Passei um Outono no Château de La Vaulu-jard que era propriedade do nosso primo, o Marquês de Grammont, era uma mulher encantadora. Tinha a mania que

sabia falar português e dizia as coisas mais inverosímeis com uma perfeita desenvoltura.

HIPÓLITA — Cuidado, Gonzaga, não pregues tanto acima.

GONZAGA — Assim?

D. GONÇALO — Uma autêntica francesa apesar de ser filha de um português e de uma polaca e de ser viúva de um belga.

MARIA LEONOR — É uma mulher muito bonita?

D. GONÇALO — Era esplendorosa. No meu tempo havia mulheres que eram autênticos espectáculos, perdeu-se o modelo. (*Acariciando o queixo de MARIA LEONOR.*) Hoje as grandes damas fazem tricot para os pobres. (*Com uma ironia bondosa apalpando a lâ do tricot de MARIA LEONOR.*) E os pobres usam lãs caras, muito macias.

MARIA LEONOR — Que quer o tio dizer com isso?

D. GONÇALO — Continua, filha, continua a trabalhar para os pobres, é bonito, digno de ti e a tua mãe não vê nisso inconveniente.

MARIA LEONOR (*a HIPÓLITA*) — Acabaram?

HIPÓLITA — Sim, menina. (*A GONZAGA*) Pode ir.

GONZAGA — Não precisa de mais nada?

HIPÓLITA — Não, Gonzaga, eu encarrego-me do resto.

(*GONZAGA sai pelo fundo com o escadote e HIPÓLITA pela direita.*)

MARIA LENOR — O tio não devia falar assim diante dos criados.

D. GONÇALO — Não te iludas, Maria Leonor; a não ser a tua mãe, todos nesta casa já perceberam que os pobres da freguesia têm umas costas larguíssimas. Levas o ano inteiro a vesti-las de lã de primeira.

MARIA LEONOR — O tio é uma jóia.

D. GONÇALO — Não te admires... Eu também trabalho para os pobres... de espírito... Restauro quadros e não imaginas os crimes que tenho cometido com estas mãos. Ainda a semana passada transformei a D. Ana de Menezes e Almedina, que foi dama camarista, na rubicunda avó do sr. Souza, recentemente feito visconde e que comprou a quinta do Freixal.

MARIA LEONOR — Que horror!

D. GONÇALO — O que me consola é que a D. Ana de Menezes também estava um horror, ficou mais corada, muito mais saudável e como sou da escola realista dei-me ao luxo de um requinte, fazer assomar um leve buço no lábio superior da respeitável senhora, até ficou parecida com o sr. Souza.

MARIA LEONOR — Oh tio, mas isso é uma autêntica falsificação.

D. GONÇALO — Uma honestíssima falsificação, meu amor. Sou o instrumento com que o sr. Souza se falsifica a si próprio.

MARIA LEONOR — Quem é o sr. Souza?

D. GONÇALO — Um homem rico.

MARIA LEONOR — E que mais?

D. GONÇALO (*numa repreensão cómica*) — Ah, filha, mas onde está a primorosa educação que a tua mãe te deu?

MARIA LEONOR (*rindo*) — Foi uma pergunta indiscreta. Desculpe.

(*HIPÓLITA aparece à direita trazendo um pequeno fauteuil Luís XV estofado de verde.*)

MARIA LEONOR — O que é isso?

HIPÓLITA — É uma cadeira para substituir um tamborete que o sr. D. Gonçalo quer levar para o atelier.

D. GONÇALO — Sabes muito bem que sempre gostei de colleccionar antiguidades... Bem, vou vestir-me. A que horas chega Madame de Grammont?

MARIA LEONOR — Às cinco.

HIPÓLITA — A menina acha que esta cadeira fica bem aqui?

MARIA LEONOR — Acho mesmo que mais duas ou três também ficavam bem.

HIPÓLITA — Então vou buscar. (*Sai pela direita.*)

D. GONÇALO — Isso... Eu também assisto à recepção, e adoro estar sentado. Até já. (*Sai pelo fundo para a direita.*)

(*MARIA LEONOR percorre a sala, verifica o pó dos móveis, sempre fazendo o seu tricot. HIPÓLITA vem da direita trazendo duas cadeiras.*)

HIPÓLITA — Onde as ponho?

MARIA LEONOR — Aí ao pé do tremó, talvez.

(*HIPÓLITA arruma as cadeiras sempre olhando para MARIA LEONOR como quem tem vontade de dizer qualquer coisa.*)

HIPÓLITA — Pronto. (*Pausa.*) A menina desculpe, mas... Ai, eu nem me atrevo a dizer!

MARIA LEONOR (*perfeitamente calma*) — O que é?

HIPÓLITA — É um comprometimento, mas...

MARIA LEONOR — O que é que desapareceu agora?

HIPÓLITA — Aqueles dois cães de louça branca com a pata em cima da bola, que estavam em cima da cómoda da entrada.

MARIA LEONOR (*sempre calma*) — Ah, os dragões chineses.

HIPÓLITA — O Gonzaga jura que os não partiu e... e não estão no atelier do sr. D. Gonçalo.

MARIA LEONOR — Está bem, Hipólita, desapareceram os dragões chineses.

HIPÓLITA — Mas é que a semana passada desapareceu a bandeja grande da baixela de prata e na outra...

MARIA LEONOR — Eu sei, Hipólita, eu sei, não precisas repetir.

HIPÓLITA — A menina desculpe, mas é que não está mais na minha mão, estas coisas põem-me doida... Lembro-me de quando eu entrei para esta casa... Lembro-me do tempo do senhor Conde...

MARIA LEONOR (*com um sorriso enigmático*) — Também eu, Hipólita.

HIPÓLITA — Ai mas eu não sou como a menina. Quando os

senhores me trouxeram do Freixal, fiquei doida com tanta coisa bonita que eu nunca tinha visto... Benzia-me sempre, antes de começar a limpar o pó... Tinha a impressão que partir uma coisa destas até era pecado e agora... (*Com uma lágrima.*) A menina desculpe...

MARIA LEONOR — Nada tenho que desculpar, Hipólita (*Pausa.*)

HIPÓLITA (*numa pequena explosão*) — Isto faz-me mal aos nervos... mas a menina deixa-se arruinar sem dizer uma palavra, sem... (*MARIA LEONOR fita-a calmamente. HIPÓLITA cala-se.*) Eu não devia ter dito isto... Mas andei com a menina ao colo, parece-me que tenho direito de ser sua amiga.

MARIA LEONOR — Tens todos os direitos, Hipólita... Até mais alguns que nem sabes e de que nunca quiseste fazer uso.

HIPÓLITA — A menina sabe tão bem como eu que o menino Pedrinho é o culpado.

MARIA LEONOR — Aí é que tu te enganas, eu sei lá quem é o culpado.

HIPÓLITA — Quem mais é que era capaz de levar as coisas para fora de casa?! Lá isso o sr. D. Gonçalo...

MARIA LEONOR — Não era isso que eu queria dizer, Hipólita... Levar as coisas para fora de casa!... Mas se fosse só isso... (*Aproxima-se de uma janela durante a pausa, olhando para fora sem um movimento.*) Não te esqueças dos scones, Hipólita... (*Pausa longa.*)

HIPÓLITA — Está bem, menina. (*Apruma-se e sai pelo fundo levando o tamborete. Depois de uns instantes de silêncio,*